



Fazendo Antropologia e experimentando com *podcasts*: o Mundo na Sala de Aula 2

Irene do Planalto Chemin¹

Arthur Ulhôa Kurrle²

Bruno Campelo Pereira³

Resumo

Segundo a enquete que fizemos para avaliar as atividades do Mundaréu, em seu primeiro ano de vida, tivemos como nosso principal público ouvinte profissionais de educação. Boa parte das pessoas que nos ouviram relataram ter aplicado o *podcast*, uma coprodução entre o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp), em suas atividades pedagógicas. Além de terem nos confirmado o quanto nossos episódios lhes serviram para ter assunto com outras pessoas, despertando conversas a partir dos seus conteúdos, atualmente disponíveis na internet para (re)visitas e novas indicações. Isto evidencia como *podcasts* podem ser uma via importante para a produção científica incidir sobre o espaço público, colaborando com atuações voltadas para a construção social. Em tempos de ataques às universidades e, especificamente, às Humanidades, nossos dados sinalizam a relevância do incentivo a cursos de divulgação científica que nos aproximem das plataformas digitais ao longo de nossa formação, atribuindo um sentido crítico e de responsabilidade perante as Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's). Neste trabalho, apresentamos alguns relatos e reflexões sobre as experiências com o Mundo na Sala de Aula, série do Mundaréu conduzida por estudantes de antropologia da UnB e da Unicamp. Experimentando processos de produção com sons e gravações, dezoito episódios foram criativamente produzidos durante a pandemia da Covid-19, num projeto político de aproximação das Ciências Sociais a um público mais amplo, disputando espaços e significados de escrita e linguagem. Na intenção de abrir discussões sobre novas acessibilidades e protagonismos nas práticas científicas, sugerimos a inclusão da *podosfera* na graduação como uma alternativa de treinamento para os compromissos que, enquanto pesquisadores, assumimos com a população e a opinião pública.

Palavras-chave: *podcast*, Antropologia, divulgação científica, mídias digitais

¹ Universidade de Brasília (UnB).

² Universidade de Brasília (UnB).

³ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Introdução

Fazer antropologia é como, já diria um neologismo popular, aprender “de corpinteiro”. Isso porque encaramos uma diversidade de histórias e relações em campo, interagindo com uma multiplicidade de gente durante as pesquisas, reunindo suas ideias e vozes, dando atenção a como elas variam e se diferem ao longo do tempo. O interesse por ouvir mais sobre esses encontros foi o que nos impulsionou a entrar para o *Mundaréu*, um *podcast* de Antropologia coordenado pelas antropólogas Daniela Manica e Soraya Fleischer⁴. A proposta de uma “Antropologia pública” (Fleischer e Manica 2021) nos capturou, por reconhecer a potência das contribuições que a área tem para com uma audiência cada vez mais ampla e interessada pela criação de políticas públicas mais sensíveis e inclusivas. Ademais, vivemos em meio a uma “virada digital”⁵(Udupa; Costa; Budka 2018; Han 2018) e, com ela, experimentando e estranhando nossa criatividade para inventar novas formas de interação social (Primo 2005), acoplando e coalizando nossos corpos com dispositivos e ferramentas digitais (Haraway 2000)

Neste texto, pretendemos encarar esse cenário com o objetivo de investigar algumas implicações das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) para o ensino e divulgação de Antropologia em nossos tempos. Sendo assim, apresentaremos um dos vários experimentos com *podcasts* que foram realizados durante a pandemia. Para isso, partimos dos relatos sobre a produção da segunda temporada do “Mundo na Sala de Aula”, uma série do *Mundaréu*, *podcast* de antropologia fruto das parcerias entre o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp).

A seguir, discutiremos questões como sobre a importância da divulgação científica e de inversões no protagonismo político no interior das Ciências Sociais, desde as nossas instituições e a partir dos seguintes problemas: como as atuais mídias de áudio têm sido experimentadas para

⁴ Com apoio direto de 13 estudantes de graduação e pós-graduação da Unicamp e da UnB, e de financiadores como a FAPESP, Proec e Sae/Unicamp, CNPq, PIBIC e CEAD/Unb. Site oficial: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>.

⁵ Termo também mencionado no episódio “Etnografia digital”, do *podcast* “Fazeres etnográficos em tempos de pandemia”, série na qual antropólogas(os) compartilham conselhos, experiências e reflexões diante dos obstáculos da pandemia do novo coronavírus às interações presenciais. A iniciativa tem concepção e realização de Juliane Bazzo, enquanto professora visitante do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD).

Site oficial: <https://blogprimaveranosdentes.wordpress.com/2021/02/01/podcast-fazeres-etnograficos-em>.

divulgar e popularizar a Antropologia? Os *podcasts* se tornaram veículos proveitosos para a comunicação pública de nossas pesquisas? Que habilidades sociais nos estimulam a participação na produção de um *podcast*? Como encorajar a aplicação de cursos de divulgação científica que aliem nossa área de conhecimento às plataformas de mídia digital? E como podemos promover, ao longo da nossa formação, um senso crítico e de responsabilidade perante as ferramentas tecnológicas? Nosso intuito, portanto, é abrir caminhos para propor a inclusão das mídias digitais, em geral, e da podosfera, em particular, na graduação em Ciências Sociais. Defendemos que, tanto por promover a produção de um conteúdo sonoro que colabore com as práticas de ensino, pesquisas e extensão, quanto por divulgar o fazer antropológico via comunicação pública, *podcasts* nos convidam a aprimorar habilidades de comunicação diante dos compromissos que assumimos, enquanto pesquisadores, com a população e a opinião pública.

Divulgando nossos TCCs na podosfera

Em 2020, em meio a pandemia da COVID-19, iniciamos as atividades remotas para a produção da primeira temporada da série do Mundaréu, “Mundo na Sala de Aula”, também chamada MunSA. Como gostamos de dizer, a proposta dessa série é promover diálogos “de estudantes para estudantes”. Os materiais levantados, gravados e produzidos ao longo da primeira temporada do Mundaréu nos inspiraram a produzir os episódios do MunSA com temas tais como das escolhas na graduação; dos relatos de pesquisa realizados durante o curso; dos processos de orientação e de trabalho de campo; dos cuidados éticos, de amizade e proximidade com as interlocutoras; das experiências no PIBIC, PIBID, PIBEX; das dores e angústias da escrita, entre outros. A série foi lançada em agosto, e a primeira temporada foi composta por nove episódios⁶.

No final de 2020, a equipe de estudantes do Mundaréu começou a pensar na segunda temporada da série. O foco se redirecionou para a divulgação dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos por estudantes de graduação em Antropologia da UnB e Unicamp entre os anos

⁶ São eles o Ep.1 “A minha casa é muito engraçada, tem antropólogos e é ocupada”; Ep.2 “Áudiocassetadas: Quando o ‘erro’ vem entre aspas”; Ep.3 “O tal do estranhamento”; Ep.4 “Vixi, tô em crise com o meu curso!”; Ep.5 “Serendipia – Há espaço para amizade no trabalho de campo?”; Ep.6 “Antropologia em movimentos”; Ep.7 “Por uma Antropologia peripatética”; Ep.8 “Curte, comenta, compartilha”; Ep.9 “Podcasts para ensinar e aprender Antropologia”. Disponível no site: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/mundo-na-sala-da-aula/>.

de 2020 e 2021. A equipe, que à época contava com 7 estudantes e com a coordenação da Prof. Soraya Fleischer (DAN/UnB) e com outros 5 estudantes e a coordenação da Prof. Daniela Manica (LABJOR/Unicamp), apoiou a ideia. Buscamos as convidadas para a série no Banco de monografias de graduação no site do Departamento de Antropologia da UnB (DAN/UNB)⁷, onde podemos achar os Trabalhos de Conclusão de Curso mais recentes. A escolha de convidadas se baseou numa diversidade de temas e orientadoras, além de considerar as afinidades entre nós, para apresentar uma geração de antropólogas recém-formadas.

Para a produção dos episódios, organizamos nossas duplas e dividimos as tarefas: uma das pessoas se responsabilizou pelo convite à possível entrevistada, leitura do TCC da convidada, produção do roteiro, edição do áudio, apresentação e elaboração dos materiais extras para a página do episódio no *website* do Mundaréu. E a outra, encarregou-se por dividir a apresentação do episódio, buscar a autorização dos Direitos Autorais das músicas escolhidas para a trilha sonora e realizar a checagem final da transcrição do episódio. A Prof. Soraya propôs que as três bolsistas do CEAD, Irene Chemin, Arthur Ulhôa e Melissa Bevilaqua, co-coordenassem a equipe, conferindo as etapas de produção e reunindo as correções sugeridas para as professoras avaliarem sua pertinência.

As entrevistas foram formuladas a partir de um roteiro padronizado com 8 questões, que iam desde a escolha do tema e da orientação, conceitos-chave para a pesquisa, estratégias e desafios no trabalho de campo, até a escrita e defesa do TCC, assim como os principais resultados e aprendizados. As entrevistadas poderiam escolher três para serem respondidas. Em seguida, elas deveriam escolher um local silencioso e gravar suas respostas em arquivos de áudios com até 3 minutos e enviar o material por WhatsApp. Acreditamos que, dessa forma, as respostas seriam mais objetivas, facilitando a edição de episódios e tornando-os mais dinâmicos, curtos e padronizados.

A partir de um roteiro-base com organização em blocos (abertura, bloco único e fechamento), as estudantes da equipe foram preenchendo com os trechos das entrevistadas, as falas das apresentadoras e a trilha sonora escolhida de acordo com o tema do episódio. A escuta ativa e

⁷ O Banco de monografias de graduação do DAN/UNB está disponível no site: <http://www.dan.unb.br/dan-producaocientifica/monografiasdegraduacao>.

transcrição dos áudios das convidadas foi importante para selecionar e editar as falas que entram no episódio. A escolha da música para trilha sonora se deu junto com a convidada para se aproximar do tema do episódio, assim como os ajustes na montagem do episódio, que ganhou três ou quatro versões até chegar à sua versão final.

A audição final pelas professoras Soraya Fleischer e Daniela Manica nos encaminhou para os últimos ajustes da série, passando os episódios pelo *software* de equalização sonora (*Auphonic*) e aderindo suas propostas para o título de cada um deles. Elas também nos ajudaram a subi-la para o *website* e principais tocadores de *podcast*⁸, e fizeram contato com as assessorias de imprensa das duas universidades (a UnB e a Unicamp) para ampliar a divulgação da série em sites e nas redes sociais.

Junto aos episódios, nós subimos ao *website* do Mundaréu materiais que pudessem dialogar com cada um dos temas escolhidos, como textos acadêmicos, músicas da trilha sonora, o currículo lattes das duplas da equipe, da convidada e sua orientadora e o expediente de produção, além das transcrições completas das falas de cada episódio, disponibilizadas como uma medida de ampliação da sua acessibilidade. Nas redes sociais, divulgamos um *card* com foto da convidada, escolhida por ela, vinculado a um texto explicativo sobre o episódio. A própria equipe do Mundaréu se encarregou de compartilhar em grupos de estudantes e pesquisadores de Ciências Sociais, amigas e amigos, parentes, espaços de trabalho, entre outros. Todos os retornos foram arquivados em um banco de dados para o qual retornamos a cada elaboração de análises para artigos científicos.

Como nosso trabalho se deu inteiramente de maneira remota e virtual, utilizamos o Google Drive para realizar a maior parte das nossas atividades. Para cada episódio foi criada uma pasta com todos os documentos e áudios reunidos. Também elaboramos uma planilha com todas as etapas de produção, onde podíamos acompanhar o trabalho de cada integrante da equipe a partir da sinalização colorida das etapas. Nessa planilha, cada coluna representou um episódio e as fileiras

⁸*Google Podcasts:*

<http://podcasts.google.com/feed/aHR0cHM6Ly9tdW5kYXJldS5sYWJqb3IudW5pY2FtcC5ici9mZWVklw. Apple>

Podcasts: <https://podcasts.apple.com/br/podcast/mundaréu/id1489528233>

e *Spotify:* <https://open.spotify.com/show/2DJBVF4wly0QIaxQpX8WRv>.

indicavam as etapas de produção do episódio. Assim que uma estudante completasse uma etapa, sinalizaria em verde essa cédula.

A organização e diálogo entre a equipe aconteceu principalmente através de um grupo de WhatsApp, e realizamos alguns encontros síncronos através da plataforma *Google Meet*. Ademais, durante esse processo também realizamos encontros síncronos para tirar dúvidas sobre o editor de áudio *Audacity*, o uso do *Drive* e demais softwares de produção. Atualmente, o Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula integram a Rádio Kere-kere⁹, uma rede constituída por antropólogas *podcasters* de vários lugares do Brasil, e que também se tornou um importante espaço para aprendizados e divulgação.

O protagonismo das estudantes mostra-se em evidência na podosfera, como já apontado em diversas pesquisas (Barin; Saidelles; Ellensohn *et al* 2019; Coradini; Borges & Dutra 2020). Para esta segunda temporada do MunSA, a participação das estudantes de nossa equipe envolveu não apenas a produção do episódio, como também a comunicação e entrevista com as convidadas, a divulgação dos episódios nas redes sociais e o auxílio na coordenação do projeto. Essa participação rendeu 9 episódios publicados quinzenalmente¹⁰, e a escrita de artigos submetidos em revistas e apresentados em congressos.

Ao final da etapa de produção, enviamos duas perguntas para as convidadas sobre como foi participar do *podcast* e a importância que elas percebem na divulgação científica dos TCCs. As pesquisadoras convidadas ressaltam, por exemplo, o aprofundamento no contexto estudado e o reconhecimento da importância de se divulgar as pesquisas e ir além do formato acadêmico e textual. Compartilhamos aqui os relatos do Matheus Viana e da Julia Tossin, respectivamente, que evidenciam o protagonismo e a valorização das pesquisas antropológicas já na graduação.

Acho que temos projetos muito ricos e incríveis sendo produzidos nos TCCs de colegas e tal que podem de fato ter um impacto interessante em diversas comunidades e poderiam ter um pouco mais de notoriedade realmente. (...) Tem algum tempo que procuro tentar alinhar meu projeto do mestrado com a possibilidade de produzir um *podcast* com algumas das entrevistas e isso só me

⁹ Conheça a Rádio Kere-kere no site: <https://radiokerekere.org>.

¹⁰São eles, o Ep.10 “Sementes da Amazônia”; Ep.11 “Catalunya Lliure”; Ep.12 “Epidemias e seus remédios”; Ep.13 “Garimpeiros, cristais e chapadas”; Ep.14 “Lutas de mulheres quilombolas”; Ep.15 “Quando a casa vira hotel”; Ep.16 “Charges e presidentes”; Ep.17 “Divã no meio da rua” e Ep.18 “Lembrar para nunca mais acontecer”. Esses episódios estão disponíveis no site: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/mundo-na-sala-de-aula-segunda-temporada/>.

deu mais vontade ainda, o convite de vocês me motivou muito e depois de ouvir algumas vezes fica muito legal ouvir minha voz participando de um projeto como esse de vocês!

Muitas vezes nossos trabalhos finais são pouco divulgados, ou então divulgado apenas de forma textual. Entendo que esse tipo de *podcast* é um jeito novo de difundir o conhecimento científico que produzimos, de uma forma mais digestível do que palavras no papel. (...) esse outro formato de divulgação, que está tão crescente no momento, é essencial para conseguirmos alcançar mais pessoas, e a ciência está precisando alcançar muita gente, principalmente as ciências sociais!! (...) Nós precisamos aprender como divulgar o conhecimento que produzimos, pois essas novas estratégias/meios acabam se tornando uma luta diária, né?

Experimentando com essas relações, percebemos como a aliança entre as práticas etnográficas e as tecnologias digitais têm nos possibilitado vocalizar nossas pesquisas, fazendo-as chegar em mais pessoas, tornando a Antropologia mais aberta e pública, na medida em que permite, por exemplo, a nossas interlocutoras, imprescindíveis ao exercício do trabalho etnográfico, falarem (e se escutarem) por si mesmas.

Vocalizando uma Antropologia pública

Desde que, há quase dois anos, a proliferação acelerada do novo coronavírus entrou em curso, estamos vivendo nas tramas de um “drama social” (Turner 1996 [1957]). Enquanto as estratégias de prevenção e tratamento têm sido aplicadas para conter seu avanço no Brasil, acompanhamos os efeitos nefastos do descaso governamental, com o aumento do número de adoecimentos e um quadro de mortes, definitivamente, contornável. Além disso, o acirramento das relações capitalistas deu à pandemia um peso trágico. Vimos a fragilização do atendimento público dos grupos sociais mais vulnerabilizados e uma transformação radical em nossas relações, em nosso trabalho, e sobretudo no ensino, dimensão central das nossas pesquisas. Na arena política, enfrentamos sucessivos ataques às Humanidades, que hostilizam o nosso campo de estudos, responsável pela confecção de instrumentos metodológicos cruciais para a criação de políticas públicas. Grisotti (2020) aponta uma série de impactos sociais, econômicos, sanitários e ambientais ocasionados pela pandemia da Covid-19 que devem ser incorporadas às agendas de pesquisa das Ciências Sociais, em diálogo com outras áreas do conhecimento.

A Antropologia é uma área de conhecimento que se coloca reflexivamente sob contextos sociais, culturais e ideológicos (Peirano 1985). Nesse sentido, ela se interessa pela interlocução entre perspectivas de mundo e infinitas possibilidades de interpretação sobre a vida. Ao se manter atenta a todos os discursos que permeiam a sua prática, ela se abre para diversas possibilidades metodológicas de viver vidas com outras pessoas. Por se fazer como um campo de histórias, biografias e narrativas, há um “mundaréu” de antropologias possíveis. Mariza Peirano (1999) ressalta como a antropologia brasileira desenvolveu atenção especial para pesquisas feitas “em casa”, dentro de nosso próprio território, aproximando os contextos e a relação pesquisa-interlocução, trabalhando para e com as comunidades locais. Essa aproximação promove “mutualidades” (Fleischer e Manica 2021: 171) na relação de conhecimento, baseadas em valores de solidariedade e colaboração, numa decisão explícita de ambas as partes.

Ao reconhecer suas contribuições etnográficas, a Antropologia se coloca em um lugar orientado tanto a compreender os dilemas de nossos tempos, quanto a se transformar com eles. Segundo o antropólogo Mauro Almeida, “o trabalho etnográfico sempre foi entre nós uma experiência de militância social e política que ultrapassa o formato acadêmico” (2004: 73). Isto implica assumirmos que, para o seu formato ser acessível, há que se fazer política, uma vez que, acima de tudo, a execução de qualquer pesquisa (etnográfica ou não) depende de decisões sobre financiamento público. O que vemos em nossa atual conjuntura, no entanto, são as pressões de uma agenda política privatizadora e interessada na manutenção das desigualdades e dos privilégios sociais. Se, enquanto antropólogas e antropólogos, cruzamos a fronteira entre cientistas e cidadãos (Peirano 1985) para buscar possíveis entendimentos, de que forma essa configuração política está impactando nossas vidas enquanto estudantes da área? Como podemos contribuir para responder a esses processos que desqualificam nosso modo de conhecimento?

Somos iniciantes na área, mas pelo que nos contam Peirano (1985, 1999), Fleischer (2007), entre outras intelectuais, temos uma forma de intervenção própria, “anfíbia”, que se coloca em diálogo crítico com as concepções de “nação” e “desenvolvimento”, com forte viés político e feita “em casa”. Por conta dessas imbricações, nossa prática se faz de maneira implícita, “discreta” e “escorregadia” em relação às nossas auto-representações e experiências. Mas o quanto

continuaríamos discretos se compartilhássemos nossas experiências por meio de *podcasts*? Seria a voz “espraiada” e “escorregadia” o bastante para traduzir e contar nossas histórias e ideias?

Tematizando relatos de pesquisas realizadas durante a graduação, experimentamos fazer a divulgação de Trabalhos de Conclusão de Curso na segunda temporada da série Mundo na Sala de aula, com o intuito de valorizar a divulgação de pesquisas e trabalhos antropológicos. A questão da acessibilidade dos conteúdos esteve no horizonte o tempo inteiro, seguindo o esforço para se promover o que Fleischer e Manica (2021) definem como uma “Antropologia pública”. Acreditamos que os episódios da série têm muito a contribuir nos debates sobre o atual contexto social e político que estamos vivendo, dialogando com questões como extrativismo e meio ambiente, epidemias e medicamentos, manifestações, movimentos políticos e ditaduras, demarcação de terras, democratização da saúde mental, entre outros temas.

Cruzar fronteiras e promover alianças políticas com as tecnologias são movimentos propostos por Donna Haraway (2000), inspirando-nos a recodificar a comunicação a fim de subverter e democratizar a produção científica. A autora sai em defesa de uma escrita-ciborgue que dispute os instrumentos e significados que nos marcam, recontando histórias, deslocando os dualismos hierárquicos, desnaturalizando identidades e mitos de origem ocidentais (2000: 86). Haraway argumenta que a criatividade e imaginação são necessárias à prática científica:

(...) assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar uma metafísica anticiência, uma demonologia da tecnologia e, assim, abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as nossas partes. Não se trata apenas da ideia de que a ciência e a tecnologia são possíveis meios de grande satisfação humana, bem como uma matriz de complexas dominações. A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas. Trata-se do sonho não de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e herética heteroglossia (2000: 99).

Sendo assim, a nossa formação, enquanto antropólogas, também se faz na relação entre humano e máquina. As chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) tornaram-se ferramentas aliadas, que nos ajudam a divulgar pesquisas e trabalhos, além de ampliarem nossas chances de atuar como cidadãos participativos, produzindo conhecimento científico em múltiplas

e híbridas linguagens. A mídia de áudio nos permite encarar nossas próprias vozes como um veículo de narrativas e visões de mundo, experimentando habilidades comunicacionais para enfrentar a exposição de nossos corpos-ciborgues e ideias.

Aliando antropologia e *podcasts*

Para se pensar em uma “Antropologia pública” (Fleischer e Manica 2021), é preciso encontrar formas alternativas de divulgar nossa área do conhecimento. A prática antropológica possui uma forte ligação com a linguagem oral, embora muitos de nossos produtos, no final, sejam teses, artigos, livros... A nossa forma de pesquisa passa, na maioria das vezes, pela oralidade, pela conversa informal, pela participação no cotidiano das pessoas, especialmente de nossas interlocutoras. A própria palavra “interlocutora”, por exemplo, remete-nos a locuções, conversas, vocalizações. Nem tudo é passível de ser grafado no famoso caderno de campo, pois quantas músicas, sotaques, sons dos mais diversos - pássaros, rios, máquinas, acabam ficando de fora das anotações no caderninho? O tão esperado e ao mesmo tempo temido trabalho de campo é uma vivência “de corpinteiro”, onde exercitamos os sentidos para captar as informações dispersas no ambiente que ajudamos a compor.

Roberto Cardoso de Oliveira (1996) já nos apontava a importância de treinar nossos sentidos para olhar e ouvir com atenção os acontecimentos em campo. No entanto, pondera que:

se o olhar e o ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo, é seguramente no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento se torna tanto ou mais crítica. (...) É o escrever "estando aqui", portanto fora da situação de campo, que cumpre sua mais alta função cognitiva" (Cardoso De Oliveira 1996: 22-3)

A escrita, para o autor, parece ser o momento mais importante do trabalho etnográfico. Mas quais são as implicações e os limites de nossos compromissos com a escrita? Fleischer e Couto (2021) pontuaram que a Antropologia reproduz uma cultura grafocêntrica dentro dos cursos de formação, concentrada em textos escritos. A longa carga de leitura, consumida através de livros físicos e pelas telas, causa uma certa fadiga visual, segundo relatam muitos de nossos colegas de

disciplina. Além disso, há textos que são pagos e de acesso restrito, o que diminui ainda mais as possibilidades de um público mais amplo ter acesso às pesquisas científicas. O formato textual também cria um distanciamento do público não acadêmico e/ou vindos de outros cursos. O resultado é que a Antropologia segue ainda desconhecida para uma grande parcela da população.

Grande parte das pesquisas antropológicas são voltadas para comunidades tradicionais ou outros grupos onde a oralidade predomina, onde as histórias são passadas de boca a boca, onde a linguagem informal prevalece e muitas vezes não podem ser encaixadas nas regras ABNT, com risco de invisibilizar características próprias dos contextos estudados. Por um lado, esse tal grafocentrismo é compreensível se pensarmos que a linguagem escrita se tornou uma possibilidade de registro ágil e de distribuição em massa, desde, pelo menos, o surgimento da imprensa no século XV. Assim, uma parte da história humana pôde ser gravada em letras, em papel (Momesso 2016: 33). Mas não há como ignorar os avanços das tecnologias digitais sobre nossas relações e muito menos seus efeitos sobre nossas relações, experiências, aprendizados e comunicações. É o caso dos *podcasts*, audiobooks e mídias audiovisuais. Essas ferramentas estão sendo incorporadas no nosso dia a dia, na prática acadêmica e nos processos de aprendizagem. Nessa esteira, *podcasts* aparecem como materiais didáticos que também ajudam a popularizar a Antropologia, contribuindo com nossos esforços de superar os problemas de tradutibilidade, visibilidade e divulgação.

Nesse cenário, em que novas mídias e formas de transmissão surgem como uma alternativa para divulgar as ciências, o *podcasting*, “um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet” (PRIMO, 2005) apresenta vantagens para se popularizar a Antropologia e torná-la mais acessível. A primeira delas diz respeito à capacidade do *podcast* de permitir que novos atores assumam o protagonismo de suas falas.

O *podcast* se tornou uma mídia independente, de produção e transmissão livre. Isso se deve ao fato de sua criação não precisar de concessões ou autorizações legais. Sendo assim, qualquer pessoa que possua os equipamentos necessários para gravar um áudio e disponibilizá-lo online (ASSIS, 2011). Segundo Primo (2005), o material pode ser produzido por uma única pessoa que porte um gravador digital, um computador conectado na Internet e algum servidor na rede para armazenamento dos seus programas. O *podcasting* permite inclusive a gravação de áudios em situações de mobilidade e deslocamento espacial. Ou seja, dispensa altos custos para produzi-lo ou

demorados trâmites burocráticos para disponibilizá-lo. Dessa forma, essa pode ser considerada uma mídia que amplia a acessibilidade na sua produção. Isso permite, por exemplo, que produtores independentes e/ou amadores possam “criar seus próprios conteúdos e divulgá-los na internet sem a necessidade de orçamentos caros ou sistemas complexos de produção” (Assis 2011: 107).

Nesse sentido, alguns autores (Luiz et al 2010; Santos et al 2018) apontam um potencial para contribuir com a democratização dos conteúdos, que muitas vezes são feitos por pessoas que não trabalham profissionalmente com a comunicação. Além disso, observa-se na podosfera um espaço fértil para a “militância”, tanto sobre questões sociais diversas, que podem ser abordadas com maior ou menor profundidade, assim como uma defesa da própria mídia *podcast* e sua importância perante a sociedade (Luiz et al 2010: 7).

Para Medeiros (2005), *podcasts* proporcionam uma descentralização da comunicação, onde o poder de emissão de informações é deslocado das mãos de uma grande mídia para os próprios ouvintes. Cada usuário tem a autonomia para disponibilizar seu conteúdo, dialogando com um público mais específico, que interage com a mídia. Os *podcasts* vêm ancorados numa forma de comunicação horizontal, introduzida a partir da internet, provocando uma ruptura no modelo de consumo de *PUSH* (empurrado até a audiência) para *PULL* (puxado pela audiência) (Primo 2005: 12). Assim, abarcando diversos formatos e duração variada, os *podcasts* geralmente abordam temas específicos e com profundidade, à demanda do público consumidor.

A experiência da série MunSA é um exemplo desse movimento. Nossos episódios foram gravados em casa, utilizando recursos que já tínhamos acesso mesmo antes de produzir a série. Gravamos os episódios através de computadores e celulares, editamos em um *software* de acesso livre e divulgamos pela internet. Aprendemos a usar esses instrumentos conversando com colegas mais experientes e fazendo pesquisas online. Desenvolvemos e experimentamos técnicas caseiras de redução de ruídos, como gravar dentro de um armário ou embaixo do cobertor, e por mais que ainda possamos aprimorar a qualidade técnica, atingimos nossos objetivos e ficamos satisfeitas com o resultado. Ou seja, não se fez necessário um estúdio profissional ou ter anos de experiência para produzirmos uma série de *podcast*. Sendo assim, novos atores puderam compartilhar suas vozes para falar sobre suas próprias vivências e interesses, como no caso do MunSA, onde nós

tivemos a oportunidade de vocalizar nossas experiências e aprendizados para um público de dentro e de fora da Academia, incluindo nossos parentes.

Uma segunda característica do *podcast* é a sua qualidade esquizofônica, que diz respeito à etapa de consumo da mídia. O *podcast* pode ser considerado esquizofônico devido a sua capacidade de romper com as “noções de tempo, espaço e corpo próprios do som” (ASSIS, 2011: 90). A ruptura espacial se dá na possibilidade de realizar *upload* do *podcast* em algum servidor, que irá notificar o público que já acompanha ou poderia gostar do conteúdo, podendo assim baixá-lo em um lugar diferente, como um computador remoto, um celular, um dispositivo de som etc. Já a ruptura temporal é o resultado do fato de que o *podcast* é produzido antes da transmissão, ou seja, os ouvintes escutam um arquivo que já está pronto. Para Assis (2011), a qualidade esquizofônica de um *podcast* permite que o ouvinte possa ter mais controle sobre seu processo de escuta, decidindo quando e onde vai ouvir, se deseja pausar ou mesmo re-escutar o arquivo em outro momento. Para fins pedagógicos, essas ferramentas proporcionam autonomia no processo de aprendizagem e têm ajudado estudantes com necessidades especiais (Carvalho et al 2009).

Por fim, o *podcast* também permite uma linguagem mais informal, e que histórias sejam contadas de uma maneira mais livre, despreocupada e dinâmica. O uso da voz oferece recursos que auxiliam a comunicação, visto que a entonação e o ritmo da fala ajudam a dar sentido ao que está sendo dito e facilitam a compreensão dos ouvintes (Carvalho 2009). Fleischer e Couto (2021) pontuam que as histórias contadas por meio de *podcasts* são capazes de mobilizar emoções, estimular a imaginação e “exigem uma participação mais ativa do público”.

“A narrativa, assim, facilita que se transporte de um mundo a outro, que mundos diferentes possam se comunicar. O discurso mais informal da conversa, por exemplo, já ajuda a estabelecer um tom agradável para confidências e lembranças”. (Fleischer e Couto 2021:4)

Enquanto entusiastas da mídia *podcast*, vemos essas características apontarem o seu potencial de alcance para um número amplo de pessoas, especialmente as não familiarizadas com o ambiente acadêmico, popularizando as discussões científicas. No caso da Antropologia, essa possibilidade é um importante movimento para dar maior visibilidade à disciplina, que sofre um problema de tradutibilidade, visibilidade e divulgação (Fleischer e Couto 2021). Por outro lado, sabemos que o *podcast* é um processo midiático que não chega em populações com pouco acesso

a tecnologias digitais e a Internet, assim como em pessoas pouco familiarizadas com os caminhos do ciberespaço (PRIMO, 2005: 5). Parreiras e Macedo (2020) alertam para como as condições desiguais de acesso a tecnologias criam barreiras para as interações sociais. Além disso, o *podcast* tende a circular entre públicos específicos, numa lógica em demanda, não tendo a mesma audiência das grandes mídias como TV, rádio etc. Sendo assim, quais são os limites de se propor a divulgação científica com *podcasts* para as Ciências Sociais? Estamos alcançando um público maior, ou apenas girando em círculos dentro de nossas próprias bolhas?

Conclusão

A segunda temporada da série Mundo na Sala de Aula trouxe contribuições importantes para popularizar as pesquisas e as formas de intervenção praticadas por antropólogas recém-formadas. Acreditamos que o empenho para se popularizar as nossas pesquisas, inclusive desde o nível da graduação, pode colaborar para que estudantes em formação incidam sobre o debate público a partir de treinamentos com a produção de *podcasts*. É notável como a divulgação científica tem papel relevante na confecção de políticas públicas e tem muito a contribuir com a democratização do acesso à ciência (Fleischer 2007).

A disputa dos significados da escrita e o reconhecimento de diversas formas de corporalidade e de linguagem também são pautas importantes na produção de tecnologias de informação e comunicação (TICs). Donna Haraway (2000: 67) aponta para como as estruturas de dominação econômicas e sociais, como o capitalismo global, as desigualdades étnico-raciais e de gênero, impactam na produção de ciência e tecnologia, bem como no público consumidor das mesmas. Assim, a autora alerta para a urgência de nos apropriarmos das novas tecnologias com conhecimento e imaginação, reivindicando a democratização do acesso e a utilização para fins pacíficos.

Participar da produção do Mundo na Sala de Aula 2 nos ajudou a perceber a importância de ampliarmos nossos canais de comunicação com o público não acadêmico. Também nos fez reconhecer as vantagens de se produzir e divulgar *podcasts* durante a nossa graduação em Antropologia. Talvez por seu caráter de mutualidade e colaboração, também presente nas relações

entre pesquisadora e interlocutora, a podosfera nos ofereça um espaço frutífero para a partilha de histórias, experiências e emoções. Imbricando questões de pesquisa e relações pessoais (Fleischer e Manica 2021) e fazendo trabalho de campo “em casa”, a dupla lealdade de se ser cidadão e cientista no Brasil (Peirano 1985; 1999) encontra, em seu caminho, as ferramentas digitais atuando em seu favor. Com este texto, buscamos argumentar que produzir *podcasts* tem nos permitido praticar uma antropologia aliada à pesquisa e à militância, feita de um modo artesanal, compromissado e politizado.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. 2004. “A etnografia em tempos de guerra: contextos temporais e nacionais do objeto da antropologia” (pp. 61–81). In: PEIXOTO, Fernanda Arêas; PONTES, Heloísa e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Antropologias, Histórias, Experiências*. Editora da UFMG: Belo Horizonte - MG.

ASSIS, Pablo de. 2011. *O imaginário do áudio e o podcast: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet*. Dissertação de Mestrado, Universidade Tuiuti do Paraná.

BARIN, C. S., SAIDELLES, T., ELLEN SOHN, R. M., & SANTOS, L. M. A. 2019. “Práticas pedagógicas inovadoras: o uso do podcast na perspectiva da sala de aula invertida”. *RENOTE*, 17(3): 518-526.

CORADINI, Neirimar Humberto Kochhan; BORGES, Aurélio Ferreira; DUTRA, Charles Emerick Medeiros. 2020. “Tecnologia educacional podcast na educação profissional e tecnológica”. *Revista eletrônica científica ensino interdisciplinar*, 6(16).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1996. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. *Revista de antropologia*, pp. 13-37. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41616179>. Acesso em 15 nov. 2021.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim. 2009. “Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia”. *Ozarfaxinars*. Disponível em: https://cfaematosinhos.eu/Podcasts%20no%20Ensino_08.pdf. Acesso em 15 nov. 2021.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim; AGUIAR, Cristina; SANTOS, Henrique; OLIVEIRA, Lia; MARQUES, Aldina; MACIEL, Romana. “Podcasts in higher education: students’ and lecturers’ perspectives”. In: SANTOS, Elder Rizzon; MILETTO, Evandro Manara; TURCSANYI-SZABO, Marta (Orgs.). 2009. *Education and technology for a better world: proceedings of the IFIP World Conference on Computers in Education (WCCE)*. Bento Gonçalves-RS: IFIP.

FLEISCHER, Soraya. 2007. “Antropólogos ‘anfíbios’? Alguns comentários sobre a relação entre Antropologia e intervenção no Brasil”. *Revista Antropológicas*, 18(1). Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/118996>. Acesso em: 15 nov. 2021

FLEISCHER, Soraya.; COUTO, Julia. 2021. “Mundaréu: Um podcast de Antropologia como uma ferramenta polivalente”. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, 6(1), pp. 1–21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/172390>. Acesso em: 15 nov. 2021

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. 2021. “O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública”. *ILUMINURAS*, 22(57). Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/118996>. Acesso em: 15 nov. 2021

GRISOTTI, Marcia. 2020. “Pandemia de Covid-19: agenda de pesquisas em contextos de incertezas e contribuições das ciências sociais”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(02). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300202>. Acesso em: 15 nov. 2021

HAN, Byung-Chul. 2018. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.

HARAWAY, Donna. 2000. *Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte-MG: Autêntica.

LUIZ, Lucio et al. 2010. “O podcast no Brasil e no mundo: democracia, comunicação e tecnologia”. SIMPÓSIO NACIONAL ABCiber. IV.

MEDEIROS, M. S. D. 2005. “Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. São Paulo-SP: Intercom.

MOMESSO, Maria Regina et al. 2016. *Educar com podcasts e audiobooks*, Porto Alegre-RS: CirKula.

PARREIRAS, Carolina; MACEDO, Renata M. 2020. “Desigualdades digitais e educação: breves inquietações pandêmicas”. In: *Cientistas sociais e o coronavírus*. Florianópolis-SC: Tribo da Ilha Editora.

PEIRANO, Mariza. 1999. “A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil”. *Série Antropologia*. Universidade de Brasília Departamento de Antropologia, Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie255empdf.pdf>. Acesso em 15 de nov. 2021.

PEIRANO, Mariza. 1985. “O antropólogo como cidadão”. *Dados*, 28 (1). Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/artigos/o_antropologo_como_cidadao.pdf. Acesso em 15 de nov. 2021.

PRIMO, Alex F. T. 2005. “Para além da emissão sonora: as interações no podcasting”. *Intexto*, Porto Alegre-RS, (13), pp. 64-87.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. 2005. “Para além da emissão sonora: as interações no podcasting”. *Intexto: Revista do mestrado da comunicação UFRGS*. 2(12), pp. 1-23.

SANTOS, Luan Correia Cunha et al. “Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação”. *Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação*, p. 1-388-416, 2018. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/21944>. Acesso em 15 de nov. 2021.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester University Press, 1996 [1957]. 348 p

UDUPA, Sahana; COSTA, Elisabetta; BUDKA, Philipp. 2018. *The Digital Turn: New Directions in Media Anthropology*. Disponível em: <https://www.easaonline.org/downloads/networks/media/63p.pdf>. Acesso em 15 de nov. de 2021.